



TURGUÊNIEV, Ivan. **Pais e Filhos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988. Tradução de Ivan Emilianovitch.

## CONTRAPOSIÇÃO DE PERSONAGENS EM PAIS E FILHOS DE IVAN TURGUÊNIEV

*Pedro Domingos Bomfim<sup>1</sup>*  
*Universidade de São Paulo*  
*(pedrodbomfim@gmail.com)*

Ao contrário de outros escritores de sua época, Ivan Sergeiévitch Turguêniev (1818 - 1883) possuía uma personalidade calcada na temperança. Seu método de escrita baseou-se principalmente na observação e análise, tanto de ambientes quanto de personagens. Dessa maneira, foi capaz de desenvolver o que se convém chamar de romance ideológico, ou seja, o romance cujas protagonistas são as ideias; sua obra precursora do gênero foi o livro *Pais e Filhos*, publicado em 1862.

Cronologicamente, Turguêniev está inserido na escola naturalista. Entretanto, o escritor é capaz de sumarizar características de outros movimentos literários concomitantes, tal qual o romantismo, e usá-las ao seu bel prazer. Essa habilidade floresce ao decorrer da história de *Pais e Filhos*, empregada, em especial, no dilema enfrentado pela personagem Bazárov ao se apaixonar pela viúva Anna Odíntsova.

Dilemas são os resultados de oposições de ideias, acompanhados, às vezes, de bastante angústia. Pode-se dizer, portanto, que uma grande qualidade da obra de Turguêniev é a contraposição das personagens e os desenlaces no enredo que esta característica promove. O próprio título do romance pode fazer alusão aos opostos, materializados nas figuras, por um lado, do médico Bazárov e seu discípulo ideológico Arcádio e, por outro, de seus respectivos pais, Vassíli, um médico de combate reformado e Nicolau, proprietário e administrador de uma pequena propriedade.

“O que, porém, me confunde, é o seguinte: eu queria fazer-me amigo íntimo de Arcádio, e no entanto verifico que sou um homem atrasado. Ele adiantou-se e nós não podemos compreender um ao outro.” (TURGUÊNIEV, 1988, p. 44). É através desta afirmação de Nicolau Pietróvitch, pai de Arcádio, que o leitor percebe a disparidade das posições de ambos. Nicolau, no entanto, se mostra mais compreensivo sobre as posições do filho, considerando este momento parte do fluxo da vida quando afirma ter passado por situação semelhante com sua mãe. “Chegou agora a nossa vez. Os nossos herdeiros ou descendentes podem declarar-nos: ‘Vocês não são da nossa geração’” (1988, p. 51).

Entretanto, é na figura de Bazárov que Turguêniev demonstra grande capacidade criativa. O médico se considera um niilista, termo popularizado pela obra

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras - Habilitação Português na Universidade de São Paulo (USP).



e amplamente usado após sua publicação. Seu niilismo traduz-se como uma negação a todo tipo de autoridade e um repúdio a tudo, demonstrado na primeira de várias discussões dele com Pávriel Pietróvitch, tio aristocrata de Arcádio. “Na época atual o mais útil é negar. Por isso negamos.” (1988, p. 47).

A época atual a que se refere Bazárov é a década de 60 do século 19, período na qual os críticos radicais russos estavam em plena atividade e, mais importante, época da libertação dos mujiques, camponeses extremamente pobres que se encontravam em regime de servidão até então. Este fenômeno reverbera principalmente na consciência de Nicolau, que se considera um liberal progressista, mas não é capaz, mesmo assim, de se aproximar do filho, influenciado pela filosofia niilista de Bazárov.

A representação de Bazárov estende uma crítica por parte de Turguêniev aos radicais que viam na postura niilista um meio efetivo de ação. Seu comportamento cínico, sarcástico, presunçoso e insolente contrasta diretamente com sua postura intelectual ao mesmo tempo em que satiriza sua incapacidade de agir, transformando sua ideologia numa espécie de casca, isto é, vazia.

Frio e indiferente mesmo aos seus pais, Bazárov encontra na figura de Odíntsova um obstáculo às suas concepções existenciais. Como poderia um homem que renegou tudo, inclusive a compreensão das artes, se apaixonar? Como poderia ele ser vítima de um sentimento romântico, tão diametralmente oposto às suas visões? Sobre esse sentimento para com Odíntsova, diz o narrador Bazárov era um grande conhecedor das mulheres e da beleza feminina, mas o amor ideal ou romântico, como costumava qualificá-lo, considerava absurdo, imperdoável estupidez. (TURGUÊNIEV, 1988, p. 81).

Parece troça que tamanha convicção em suas ideias o impeça de enamorar Odíntsova. E de fato, o niilista chega a declarar seu amor num ímpeto, mas é sutilmente rejeitado pela viúva e, de forma geral, o sentimento é rejeitado por sua própria racionalidade, caindo numa contradição pesarosa. Acontecimento cujo desenrolar mostra-se semelhante ocorre quando Bazárov encontra seu pai, Vassíli, e afirma não acreditar na medicina, mesmo sendo, efetivamente, médico. “Quero dizer-lhe, a título de consolação – disse Bazárov –, que nós agora achamos ridícula a própria medicina e não homenageamos ninguém” (1988, p. 102).

A isto se pode atribuir a discrepância entre aquilo que Bazárov é com o que ele deseja ser. Turguêniev demonstra, por meio dos discursos e palestras da personagem, que a militância, se usada de forma errônea, pode ser muito nociva. Basta ver a maneira pela qual Bazárov trata qualquer um, desde seus pais até Arcádio, ofendendo-o gratuitamente e não demonstrando praticamente nenhum afeto para com seu discípulo. Ou mesmo sua atitude para com Fiênitchka e a Senhora Odintsova – é plausível dizer até que o médico busca tirar vantagem de ambas, atitude que vai lhe custar, no caso da primeira, um duelo, e, quanto à segunda, uma perturbação interna intermitente.

Os niilistas são ainda mais desacreditados quando uma dupla de mujiques, já ao fim da narrativa, acusam Bazárov de ser ignorante quanto ao conhecimento de suas vidas. “Bazárov, tão inteligente, observador e conhecedor dos



Mujiques [...], esse mesmo Bazárov nem suspeitava que aos olhos dos mujiques ele não passava de uma espécie de palhaço...” (1988, p. 158). A preocupação com os mujiques nada mais era, então, do que pretexto para se mostrar superior aos outros e, talvez, fazer com que o médico se sentisse bem consigo mesmo. De que serve o niilismo então? Na narrativa, não serve para nada. E foi essa a crítica feita por Turguêniev responsável por enfurecer os críticos radicais, que o acusaram de dúzias de coisas. Ora, se o homem escreveu o livro pautado em seu conhecimento empírico, não devemos culpá-lo pela imagem transmitida.

O crítico Pisarev afirma que Turguêniev mantém certa distância das suas personagens, como sugere a passagem seguinte:

Pisarev percebe que a atitude do autor para com seu herói é o que chamaríamos hoje de ambivalente. Turguêniev não simpatiza totalmente com nenhuma de suas personagens; não está contente nem com os pais nem com os filhos. Turguêniev não pode endossar as implacáveis negações de Bazárov, mas respeita-as. Embora se incline para o idealismo, nenhum dos idealistas do livro é comparável a Bazárov, em decisão e caráter. Ao criar Bazárov, Turguêniev podia ter querido rebaixá-lo, mas sua integridade artística fê-lo pagar-lhe o tributo do justo respeito. (WELLEK, 1972, p. 247)

Ainda que o autor instaure realmente essa distância, parece cabível supor que Turguêniev se enxergou através da Senhora Odíntsova, mulher interessante, “de caráter livre e resoluto” (TURGUÊNIEV, 1988, p. 70) e

Livre de quaisquer preconceitos, sem convicções firmes de espécie alguma, não cedia às opiniões alheias. Raramente frequentava a sociedade. Via muita coisa com clareza, vários assuntos a preocupavam ou interessavam, e nada a satisfazia (1988, p. 78).

Metaforizando sua ausência da Rússia numa aristocrata reclusa, pacífica, mas mordaz, mais observadora do que participante, Turguêniev pôde se infiltrar no roteiro de forma a representar uma mulher caricata que, ao contrário das expectativas de Bazárov, não corresponde ao seu amor romântico.

Odíntsova, mesmo pacífica, afirma ser uma “adversária perigosa” (1988, p. 74) em discussões, fato constatado por Bazárov ao discutirem sobre a compreensão deste acerca das obras de arte. Ao contrário do outro adversário do médico, Páviel Pietróvitch, a Senhora Odíntsova desperta-lhe interesse e, dessa maneira, a conversa flui com mais eloquência – apesar de, num primeiro momento, Bazárov, aos olhos de Arcádio, estar visivelmente desconcertado.

A relação entre Odíntsova e Bazárov, apesar de conturbada, é sublime: é ela quem o visita em seu leito de morte e dá-lhe o último contato humano antes de seu falecimento, um beijo na testa, simbolizado como uma despedida pelo próprio moribundo: “Quer soprar a lâmpada bruxuleante e apagá-la para sempre?...” (1988, p. 167). A metáfora da lâmpada remonta ao *O Espelho e a Lâmpada*, de M.H. Abrams (2010) – apesar de considerar somente o mundo ocidental em sua análise sobre o romantismo, é possível estabelecer essa relação dado que Turguêniev passou a maior parte de sua vida fora da Rússia e foi responsável por introduzir a



literatura de seu país ao ocidente. A lâmpada funciona como um brilho próprio do poeta ou prosador (ABRAMS, 2010, p. 60), de modo a indicar sua singularidade romântica; por qual razão o niilista Bazárov mencionaria esse conceito já ao fim da vida? Provavelmente por ter se dado conta, às vésperas da morte, de que sempre fora uma contradição. E tudo bem com isso. No fim, não somos todos humanos, mutáveis e inconstantes?

A morte de Bazárov é simples e significativa. Simples porque um niilista presunçoso e arrogante morreu por descuido, o mesmo descuido que ele insinua existir na sociedade. Significativa porque vê-se, então, que o médico, apesar de todo seu semblante superior, é só mais um. Ele não é o salvador da sociedade russa, como bem ironiza Pávriel Pietróvitch em sua primeira discussão (TURGUÊNIEV, 1988, p. 49).

Ademais, seu falecimento só influencia seus pais. Arcádio, por exemplo, já casado com Cátia, irmã da Senhora Odíntsova, sequer se digna a fazer um brinde em voz alta homenageando o antigo mestre (1988, p. 169) – algo previsível ao longo da história, dado que os dois passaram a se desentender e a criarem certa antipatia um pelo outro, principalmente quando Bazárov percebeu que Arcádio já não era mais tão influenciável e estava criando, mesmo que a passos lentos, uma personalidade.

Arcádio, por sua vez, serviu como uma crescente oposição aos pensamentos de Bazárov. Sua trajetória, iniciada no papel de discípulo, teve como objetivo primário assegurar a presença ideológica dos radicais de 60 no romance, servindo meramente como espectro de influência, reproduzindo os discursos de seu amigo, mesmo não acreditando tão fielmente em suas ideias.

Os pais e os filhos, cada qual à sua maneira, seguiram suas vidas independente do niilismo e das convicções radicais. A figura de Arcádio, ao fim do romance, mostrou que o extermínio de um ou outro lado da história não adiantaria de nada; uma convivência balanceada, talvez, fosse mais proveitosa. Turguêniev, assim, fez uma construção muito humana de Bazárov e o rodeou de possíveis influenciados, criticando a falta de ativismo dos niilistas e sua militância esparsa através de uma obra esquemática, mas de muita qualidade, especialmente no tocante às análises próximas das personagens.

## Referências

ABRAMS, M. H. **The Mirror and the Lamp: Romantic Theory and the Critical Tradition**. London: Oxford University Press, 2010.

TURGUÊNIEV, Ivan. **Pais e Filhos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988. Tradução de Ivan Emilianovitch.

WELLEK, René. **História da Crítica Moderna**. São Paulo: Edusp - Herder, 1972.



Recebido em: 02/05/2021  
Aprovado em: 10/05/2021